

Sobre a ideia de universidade: cultura da qualidade e nova evangelização

DOM ENRICO DAL COVOLO¹

Resumo

O artigo tem como ponto de partida a ideia de universidade de Newman como lócus do saber universal, fundamentado na filosofia e na teologia. A questão sobre o status da teologia como ciência emergirá para introduzir uma analogia entre as epistemologias das ciências e da teologia, defendendo que a última goza de uma instância de verdade oblíqua em relação às primeiras, o que garante a uniformidade do saber e a manutenção de um conceito originário de universidade. Seguidamente, tratar-se-á sobre a cultura da qualidade, seu conceito e sua importância para a concreção da ideia de universidade defendida aqui.

Palavras-chave

Nova Evangelização. Teologia. John Newman. Universidade Católica. Cultura da qualidade.

Abstract

The starting point of this article is the idea of Newman University as a locus of universal knowledge based in philosophy and theology. The question about the status of theology as a science will emerge in introducing an analogy between the epistemologies of science and theology, arguing that the latter possesses an instance of oblique truth in relation to the first ones, which ensures uniformity of knowledge and maintenance of an original concept of the university. Then, it will deal about the culture of quality, its concept and its importance to the concretion of the idea of university stated here.

Keywords

New Evangelization. Theology. John Newman. Catholic University. Quality culture.

¹ Bispo de Eraclea, Itália e Reitor da Pontifícia Universidade Lateranense, Roma.
E-mail: semerano@ups.urbe.it

1 A IDEIA DE UNIVERSIDADE

O título desta reflexão (Sobre a ideia de universidade) retoma intencionalmente aquele do famoso volume de John Henry Newman, *The Idea of a University*².

Não entraremos aqui nas difíceis e complexas questões redacionais, que marcaram o desenvolvimento desta obra. Newman começou a escrevê-la já em novembro de 1851 - tinha acabado de ser encarregado de presidir a fundação da Universidade Católica de Dublin, onde depois foi Reitor de 1854 até 1858 -, mas a publicou somente em 1889, um ano antes de morrer.

No meio destes quarenta anos de gestação, se coloca a violenta e provocante denúncia de Friedrich Nietzsche. Escrevendo no dia 15 de dezembro de 1870 ao amigo Erwin Rohde, o famoso filólogo clássico, que naquele mesmo ano tinha conseguido a habilitação na Universidade de Kiel, Nietzsche afirmava: “A universidade é um obstáculo para quem queira se dedicar totalmente na busca da verdade”.

A respeito deste tema o cardeal Angelo Scola, introduzindo o *VIII Simpósio Internacional dos Docentes Universitários* (Laterano, 23 de junho de 2011), comentava: “Não me parece o caso de me deter sobre um juízo tão severo e discutível. Em qualquer modo a questão ‘universidade’ representa um problema, que seguramente continuará a dar “pano pra manga” nos próximos decênios”. De fato, prosseguia o cardeal, “a questão sobre a universidade – *qual universidade?* – constitui uma outra face da questão das questões: *qual homem?* A razão de ser da universidade e a modalidade com a qual vem proposta”, concluía Scola, “ajudam a delinear a fisionomia do homem, como protagonista da nossa sociedade”.

Mas, voltemos sobre a *ideia de universidade* de Newman. Para dizer a verdade, esta não se mostra totalmente coerente: pelo contrário, é marcada por uma grande contradição entre a teoria e a prática.

Mesmo assim, esta *incoerência* parece muito instrutiva e atual, quando se considera o vivo debate que se seguiu e que ainda continua.

2 Desde 2005 a obra está disponível em italiano. Cf.: NEWMAN, 2005.

Simplificando ao máximo o discurso, e forçando um pouco para o raciocínio que desenvolveremos, podemos dizer assim: *de uma* parte Newman considera a universidade como *o lugar para o ensinamento do saber universal*; *da outra parte*, porém, ele é bem consciente que nenhuma universidade foi (e que nunca será) o lugar do saber universal, porque alguns ramos disciplinares serão sempre esquecidos, mesmo nas universidades abastecidas com o maior número de faculdades.

Mas eis o corretivo que Newman introduz para que sua ideia de universidade não seja uma simples – por mais que fascinante – utopia: a filosofia e a teologia serão assumidas como responsáveis da correlação e da síntese entre as várias disciplinas, e assim o saber – *filosoficamente e teologicamente fundado* – faz mesmo assim da universidade *o lugar do saber universal*.

Muitos hoje renunciaram de fato a uma ideia como essa de *universidade*. Tem até mesmo aqueles que querem mudar o nome de universidade, para recorrer ao neologismo de *multiversidade*.

Efetivamente, a fragmentação e a demarcação de saberes parece proceder de maneira implacável. O conceito de “ciência” e “disciplina” passa sempre através da delimitação precisa (“a *francobollo*”) dos conteúdos e do método relativo. E no próprio âmbito, cada disciplina reivindica a própria autoridade e *a própria verdade*. Assim, a interdisciplinariedade, quando acontece, aparece mais formal que real, tanto que já se fala mais à vontade de *interculturalidade* (qualquer coisa que queira dizer) do que de *interdisciplinariedade*.

As influências do relativismo são evidentes e não tem necessidade de sublinhá-las.

Começa aqui o *desafio de Newman* sobre a ideia de universidade como *lugar o saber universal*, enquanto *filosoficamente e teologicamente fundado*.

No ano passado – no dia 30 de junho de 2011, durante a entrega dos reconhecimentos aos três vencedores da primeira edição do “Prêmio Ratzinger” –, Bento XVI pronunciou um *Discurso*, que ilumina concretamente esta ideia de universidade.

O Papa se perguntou antes de tudo o que seria realmente a teologia, porque, dizia, “se a teologia é a ciência da fé..., surge logo a questão: isto é

realmente possível? Ou não é em si uma contradição? Ciência não é talvez o contrário de fé? Não cessa a fé de ser fé, quando vira ciência? E não cessa a ciência de ser ciência, quando é direcionada ou subordinada à fé?”.

Trata-se na verdade de uma *vexata quaestio*, porém sempre atual.

“Tais questões” – reconhece Bento XVI –, “já para a teologia medieval representavam um sério problema, com o moderno conceito de ciência”, precisamente aquele ao qual rapidamente fizemos referência, “se fizeram ainda mais urgentes, olhando por cima, até mesmo sem solução”.

Indo além dos raciocínios sucessivos – que o Papa desenvolve por si mesmo – nos interessa aqui sobretudo a conclusão do discurso, ali onde se lê: “Estou bem consciente que com tudo isto não foi dada uma resposta em relação à possibilidade e à responsabilidade da verdadeira teologia, mas foi somente evidenciada a grandeza do desafio inato na natureza da teologia”.

Da minha parte – se me permitem – quero parafrasear e reconhecer honestamente que nem esta minha nota chega a dizer alguma coisa de novo sobre o conceito de ciência, e nem mesmo sobre o conceito de *universitas scientiarum*. Mas, a última observação do Papa é esclarecedora, quando ele acrescenta: “Todavia é propriamente deste desafio mesmo” – isto é do desafio inato na natureza da teologia, intimamente conexa com a filosolia –, “que o homem tem necessidade, porque essa tal necessidade força-nos, a abrir a nossa razão perguntando-nos sobre a própria verdade, sobre o rosto de Deus”.

Efetivamente, das suas peculiares (e em alguns aspectos paradoxais) características epistemológicas, a teologia encontra a própria força de provocação e de desafio nos confrontos das outras ciências – hoje sempre mais especializadas no método e nos conteúdos, quanto mais fragmentadas no universo do saber. O fato preciso de que a teologia não procede *iuxta principia propria*, mas da Palavra revelada, a conduz – com motivações e capacidades que não pertencem às outras ciências – em direção àquela meta última e plena de verdade, a qual esta deseja. Claro, que a este mesmo objetivo se *direcionam* em vários modos todas as ciências da *universitas*, na medida em que essas são – como devem ser – *ministrae veritatis*. Mas a teologia – se é verdadeira teologia, isto é, fiel à sua epistemologia autêntica – possui uma instância de

verdade que está além, “transversal” às outras ciências, e com caráter decisivo na sua meta final própria.

Eis porque a oferta formativa da universidade – que também está amarrada pela “crise global” e pela emergência educativa do momento presente – deverá perseguir, como meta última, a síntese filosófico-teológica, no diálogo sem fim entre fé e razão, entre “a ciência de Deus” e “as ciências do homem”. Somente assim a universidade poderá dizer-se digna do seu nome, e ser *lugar do saber universal*.

Para resumir e concluir, menciono – sem comentar o texto, porque não é necessário – um trecho do mais recente discurso do Papa sobre a universidade. Bento XVI pronunciou este discurso na Basílica do Mosteiro de São Lourenço do Escorial, Madri, durante a vigésima sexta Jornada Mundial da Juventude (16-21/08/11).

Naquela ocasião, o Papa, disse entre outras coisas: “A genuína ideia de universidade é que nos preserva precisamente desta visão reducionista e distorcida do humano. Com efeito, a universidade foi, e deve continuar sendo, a casa onde se busca a verdade própria da pessoa humana... A universidade encarna um ideal que não deve ser desvirtuado por ideologias fechadas ao diálogo racional, nem por servilismos a uma lógica utilitarista de simples mercado, que olha para o homem como mero consumidor”.

E, falando diretamente aos docentes, Bento XVI acrescentou: “Os jovens precisam de mestres autênticos: pessoas abertas à verdade total nos diversos ramos do saber, capazes de escutar e viver dentro de si mesmos este diálogo interdisciplinar; pessoas convencidas, sobretudo da capacidade humana de avançar a caminho da verdade. Esta sublime aspiração é o que de mais valioso podeis transmitir, pessoal e vitalmente, aos vossos estudantes, e não simplesmente umas técnicas instrumentais e anônimas nem uns dados frios e utilizáveis apenas funcionalmente”.

“Se estão unidos a verdade e o bem”, concluiu o Papa, “estão-no igualmente o conhecimento e o amor. Dessa unidade deriva, a coerência de vida e pensamento, a exemplaridade que se exige de todo o bom educador”.

2 A CULTURA DA QUALIDADE

Este subtítulo o retirei de um livro mais recente, que se intitula: *A cultura da qualidade*.³

O que significa *Cultura da qualidade*?

E, sobretudo, o que entendemos por *promoção* da qualidade?

“Promover a qualidade de uma Universidade/Faculdade” – responde o Guia – “significa evidenciar o valor da atividade desenvolvida da Instituição, consolidar os aspectos positivos e, onde seja necessário, melhorar suas carências. Contudo, é preciso, em primeiro lugar *identificar os critérios que, sobre a base da sua missão, definem sua qualidade* (logicamente se continua a falar de uma Universidade/Faculdade). Em segundo lugar, é necessário *recolher as informações pertinentes, válidas e confiáveis* sobre o desenvolvimento da atividade Institucional segundo os critérios identificados. Enfim, está incluído um juízo de mérito, a partir dos referidos critérios, sobre a qualidade da atividade desenvolvida, tendo presente as informações recolhidas” (CQ p. 27).

Também aqui, procurarei resumir ao máximo os conteúdos do Guia, tendo presente a minha argumentação.

Para realizar concretamente a ideia de universidade que procuramos definir até aqui, é indispensável que a *cultura da qualidade* se torne o estilo da vida acadêmica ordinária.

Isto significa que as iniciativas colocadas em ato para a promoção da qualidade – mesmo com seus eventuais limites – não poderão ser visto como um ato burocrático, fiscal, que se necessite preencher (com um tédio mais ou menos disfarçado); e quanto logo termine, melhor é. Como diz um provérbio: arranque o dente, acabe com a dor!

Significa, de outro modo, ser intimamente persuasivo de que as várias iniciativas de avaliação e de promoção da qualidade não têm como meta a premiação ou a punição de uma instituição acadêmica, um curso, um professor,

3 CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA (Org.). *A cultura da qualidade: guia para as faculdades eclesiais*. Cidade do Vaticano: Editora Vaticana, 2011. De agora em diante usarei a sigla CQ.

uma atividade... Seu objetivo é melhorar a possibilidade de se chegar à meta, pelas quais a Instituição, o curso, o professor trabalham. “Trata-se de oferecer um sustento à realização do processo formativo no seu conjunto e na sua pesquisa, e não de se fazer um controle fiscal e punitivo” (CQ, p. 4).

Deste ponto de vista, a avaliação e a promoção da qualidade, com as iniciativas conexas, devem representar uma *solicitude permanente* da nossa universidade.

Ponto que o *Guia da Congregação para a Educação Católica* (além de qualquer confissão religiosa) pode se tornar um porto seguro de referência. Representa também um ótimo instrumento para a auto-avaliação. Na verdade, devemos nos convencer que o protagonismo mais eficaz da *cultura da qualidade* é cada um de nós, cada pessoa que participa da vida universitária.

3 CONCLUSÃO: A UNIVERSIDADE PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Edgar Morin, num texto bastante difundido, delineou com clareza o objetivo formativo, para o qual a universidade deve apontar.

Trata-se de uma observação de síntese, com a qual podemos concluir a nossa reflexão: “O objetivo da formação”, escreve este grande filósofo ainda vivo, mencionado pelas mídias de forma pouco enfática, como *o pai do pensamento complexo*, no tempo da globalização; pois bem, Edgar Morin, diz “o objetivo da formação não é dar ao aluno uma quantidade enorme de conhecimentos, mas de formar (construir) no aluno um estado interior profundo, uma espécie de polaridade de alma que o oriente de forma definitiva, toda a sua vida. Isto significa que aprender a viver requer não apenas conhecimento, mas a transformação da própria mentalidade, da consciência adquirida como sabedoria, e incorporá-la na própria vida”⁴.

Pessoalmente, estou cada vez mais convencido de que - frente à *emergência educativa e à crise global dos valores* - uma resposta para sair da crise existe: e nós a levamos nas mãos, às vezes sem perceber ou ter consciência

4 MORIN, E. *A cabeça bem feita: reforma do ensino e reforma do pensamento*. Milão: Raffaello Cortina, 2000. p. 45.

dela: a resposta é uma universidade que funcione bem, um lugar que seja de *autêntica formação de formadores*.

É este o compromisso da nossa missão peculiar de Instituição acadêmica para a nova evangelização. De maneira que a universidade seja fiel a si mesma, à sua identidade e à sua missão originária; lugar de promoção da verdadeira cultura; fórum de diálogo, sobretudo entre a fé e a razão.⁵

3 BIBLIOGRAFIA

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA (Org.). *A cultura da qualidade: guia para as faculdades eclesiais*. Cidade do Vaticano: Editora Vaticana, 2011.

MORIN, E. *A cabeça bem feita. Reforma do ensino e reforma do pensamento*, Milão: Raffaello Cortina, 2000.

NEWMAN, J. H. *L'idea di università*. Roma: Studium, 2005.

ZANIA, V.; PELLERREY, M. *As instituições acadêmicas eclesiais: cultura da qualidade e nova evangelização*. Cidade do Vaticano: LUP, 2012.

5 Sobre este tema – aqui apenas faço referência – temos ZANI; PELLERREY (2012).